

QUATRO LEGENDAS PARA MARCY BORDERS

Celso Luiz Figueiredo Bodstein

Texto-legenda: o primeiro contexto de significação para a fotografia inserida nas páginas dos jornais.

Este texto traz o exercício de atribuição de significados à imagem de Marcy Borders, através da produção de textos-legenda para sua foto, publicada em jornais do mundo no dia 12 de setembro de 2001. As legendas aqui fogem ao padrão técnico de edição de jornais, que pedem a descrição formal da imagem, ou seja, o pressuposto imediato de sua marca indicial. As legendas, agora, querem outras parcerias com o referente. Buscam compor uma compreensão do fotojornalismo como a ficção em conjunto com o factual.



Stan Honda - Dama do pó (Marcy Borders)

A imagem de Marcy Borders freqüentou vários circuitos, pulou de suporte em suporte, tendo como *start* um momento performático do fotojornalismo. A "sacralização dessa imagem suscita incógnita, inquieta, posturas contemplativas de sua materialidade como artefato da violência e da cultura que a abriga. A compreensão desse fluxo dá a tônica aos rumos que este texto pretende traçar.

Marcy Borders: um fonema para reconstruir *network*

Marcy Borders é a nº 1. Sua imagem é o fonema da tragédia em prosa pós-moderna. A figuração é um estado flamejante de seu monocronismo. O

preto-e-branco aplicado ao que o sépia insiste em afirmar nas suas pretensões memorialistas. Um *fonema* que também pode reconstruir o primeiro dia da tragédia de Manhattan, ao contrário, como seu mais contundente arauto. Quantas vezes o cinema animou imagens a partir desse potencial de narrativa/significação da imagem fotográfica? A rede é às vezes abstrata, mas sempre normativa. Insere-se na cultura e quase sempre é a cultura. As imagens migram de suporte, mas estão sempre na contingência da rede. Como não enxergar Marcy Borders a nos presentificar o espanto diante do *non-sense*, atitude que arrebatava aqueles que não podem compreender a invasão radical de seu meio-ambiente supostamente intocável em sua redoma de urbanidade sofisticada. Quem é Marcy Borders, senão esse espectro de vida-que-segue-apesar-dos-inimigos-da-sociedade-aberta (numa apropriação indevida das palavras do filósofo Karl Popper)? Como olhar para Marcy Borders e não se sentir flagrado por uma perturbadora falta de paixão? Que gosto do vivido é esse de MB que se rende às imagens-bomba barthesianas, do outro vivido interpretado em suas potencialidades de explosões, fogo, água, fuga, medo, coragem, promessas... Marcy Borders vem antes e depois. Aqui não há paixão, pois sua imagem não é fugaz. Traz aquele tipo de emoção que imaginamos ter diante dos arquétipos infantis da eternidade. A imagem é a *mulher de sal*, redentora dos males da carne e do espírito, que viu seu corpo dissolver-se ao olhar a degeneração dos costumes da cidade. É também Alice pisando em tabuleiro; joga com a Rainha de Copas. Quis o destino que Marcy Borders não viesse a sucumbir tão rápido, e nem por metáfora tão escolástica da decadência das grandes cidades capitalistas.

Marcy Borders é souvenir de guerra

Não se trata de uma imagem terrível. Não se configura como agregadora de formas a um mosaico que assevere a violência a Manhattan. A silhueta metafísica de Marcy Borders inscreve-se em outro álbum: aquele para ser ligado como espécie de *souvenir* de guerra, que sela a surpresa sem admissão de fraqueza.

Para Sebastião Salgado, "a mulher envolta numa nuvem de poeira amarela remete às imagens de trabalhadores na extração de enxofre na Indonésia, escravos de uma situação que os exclui". O fotógrafo brasileiro - conceituado internacionalmente mais pelas fotografias que produz, que por aquilo que freqüentemente diz sobre elas - atrai sua leitura para o reino do ícone. Que imagem é essa que, ao expandir sua realidade (de uma ontologia cultural, ao menos) amalgama-se a núcleos de significações vocacionadas à universalização e, portanto, sedimentadas sob comoções populares? Resiste a tentativas de contextualização sob o exercício de linhas do tempo, essa imagem. Ela fala de Kant enquanto legitimadora de ações extensivas a toda humanidade e talvez esteja aí sua ética: a de não pertencer a nenhum engajamento. Fica livre para ser ativa a cada solicitação do mundo factual, fortalecida pela aderência de suas convicções no *estilo* público de delimitar a ofensa e o poder. O ícone é imoral quando surpreende em seu preenchimento de significação a lógica esotérica da circulação midiática. Pode, às vezes, levar a irracionalismos, como a suposição de que é possível estabelecer - no parâmetro tecnológico e/ou das novas terapias do fazer artístico - limites para a representação. A *doxa* entre o vivido e o representado não é uma dialética, já sabiam os mais antigos.

Borders: estetização para fluir a memória?

A rede expande-se em conceito e em materialidades. A imagem de Marcy Borders é um conceito acertado de estranhamento e civilidade que preencheu muitos suportes. Com a eternidade tornada implícita pela leitura ideológica da foto, sua circulação tornou-a quase onipresente em pontos em que a cultura é referendada. Circulou muito e muito pôde enunciar-se como signo condensado do traumático 11 de setembro. Talvez para aliviar o trauma; talvez como estratégia para o fluir da memória, um contar que é também um fixar de prerrogativas e ponderações, de indignação e resistência, de anonimato e de espírito público (aqui sou tentado, mas só um pouco, a pensar em Verdi e na Itália ameaçada). A imagem de Marcy Borders foi capa de praticamente todos os jornais do mundo. Foi para as revistas semanais de informação dos EUA e de países europeus. Transformou-se em selo/vinheta na tv americana. Foi vendida

em vários formatos como cartão postal. Chegou aos computadores como descanso de tela, foi estilizada por pintores, integra exposições e está em livros sobre os atentados nos EUA. Marcy Borders é um caso *sui generis* de fluxo de multimeios: dá privilégio ao status fotográfico além das finalidades de praxe informativa; aqui um tempo fotográfico possível apenas às visualidades do fotojornalismo (como abastecimento para um conceito paradigmático de referente). Borders circula e sua estampa não se prostitui. Ela nasceu opaca.

Marcy Borders: apenas um estado de torpor

O fotógrafo tem sua categoria interna. E tal categoria resiste à circulação mercantil da imagem? É possível conhecer melhor o fotógrafo para compreender melhor seus processos de enunciação? Ou a fotografia é realmente um signo para recepção notavelmente aberta? O pós-formalismo não impõe a distribuição sobre a autoria? Não se estabelece, aí, a supremacia da marca (institucional) sobre o estilo (particular)? O estilo tende a ser particular, mas não é mais a primazia do singular. Conotação e denotação: o risco de se construir sistemas mentais baseados na máxima das causalidades? Como o fotógrafo Stan Honda *, da *France Presse* encontrou e como quis a imagem de Marcy Borders, provavelmente nunca saberemos, mesmo que ele mesmo tente explicar e nos convencer. Mas podemos olhar para a imagem e imaginar por que alguém a faria daquela forma. O quadro é convencional, centralizador da imagem e componente da superfície que funde os planos em sutilezas de variação monocromática. A personagem parece aderida a um aqui/agora que lhe confunde as delineações do corpo/expressão com o cenário/símbolo de sua precariedade cognitiva. O que há de extra-campo? Toda a extensão da súbita violência em Nova York e é nosso imaginário regado às imagens terrificantes do inimigo universal que projeta o ausente. É a imagem-mental como premissa, arquetípica e redentora. É icônica na apropriação indébita, umas vezes conformista, outras de fino deboche, da marca indicial de absoluto senso comum

* STAN HONDA – norte-americano, nascido em San Diego, tem longa trajetória pela imprensa do País, incluindo o *Los Angeles Times* e *San Diego Union Tribune*. Em Nova York, onde reside, trabalhou no *New York Newsday*. Produz imagens para os canadenses *The National Post* e *Toronto Globe and Mail* e freqüentemente comercializa suas fotografias pela France-Press.

impresso na circunstância de Marcy Borders. Aqui, não se registra a evidência indicial de ação de bombeiros, para-médicos, policiais, luzes intermitentes, ferro retorcido, carros esmagados (que permitem intervenções ainda mais radicalmente ideológicas em seus referentes). Marcy é a figuração retocada de referência não a um politicamente correto, mas, antes, a um estado de torpor frente ao inexorável, antes mesmo que se possa tomar um comportamento de ataque ou fuga frente à descoberta do terror. Antecipa-se mesmo ao constrangimento da indignação. Estimula a interlocução com um estado de vigília que é primeiro da negação e serenidade (a câmera induz-se ao corpo levemente retorcido que antecipa a entrada *en gard*). Tem no fotógrafo o interlocutor de suas verossimilhanças. Um ato fotográfico de muitas emancipações, da "caixa preta" ao hinário da objetividade e da clareza. Uma imagem do mundo que paira provocativa sobre ele. Uma imagem para ser vista sem *passee-partout* e tendo o contorno das grandes cidades ao fundo.

Marcy Borders e o paradoxo da vida real - Marcy Borders está mais próxima *dela mesma*, nesta foto publicada seis meses depois da primeira. Com sua figuração elevada a símbolo, ela não teve futuro tão surpreendente em sua existência social: perdeu o emprego e, devido à fuligem que lhe maquiou o corpo e pela circunstância de seu registro, não foi convocada para atuar na indústria da publicidade e propaganda, como acontece com os heróis efêmeros na mídia norte-americana, o que faria de si uma rica e ilustre cidadã.

